



POEMA DE OTÍLIO FIGUEIREDO

20 de Março de 1988 Em S. Leonardo de Galafura

Aos meus netos Mónica e Mário

Fui hoje de novo a Galafura

Neste primeiro dia de Primavera renovada:

Fui ver um risco metálico serpenteado

De águas paradas e sonolentas

Entre montes ansiosos

Gravados de luz e de sombras

Povoados e semeados

Dos encantos e desencantos

De lutas de Sísifos condenados

Ao sobe e desce eterno

Dum vaivém dia a dia recomeçado

Em frémitos de Titãs

De vidas comungadas

Que cios repetidos

Transformam por magia

Rudezas em ternuras

Sonhos em realidades.

Fui ver o Homem viril

Que a terra emprenhou;

Fui ver o Homem enamorado

Não perturbado pela Beleza

Que adormenta os sentidos;

Fui ver o Homem auto-predestinado





Não submisso ao Grandioso;
Fui ver o Homem rebelde
Não rendido ao supérfluo
Nem tão-pouco ao Sublime;
Fui ver mais uma vez
A eternidade da Vida
Motivo do meu cantar
Deste cantar que me subjugou
E ora me submete
Para sempre
No meu amor à Terra
No meu amor à Vida
Que não tem fim
E em tudo palpita.
Subi a Galafura
Para ver e me embevecer
Não no “poema telúrico”
Que malabarismos poéticos delirantes
Imaginam e constroem com palavras;
Mas no poema de Amor
Do Homem pela Terra
Macho e fêmea
Em permanente mancebia.

Fui a Galafura
Para ver e me enlevar
Não na sinfonia incompleta
De uma “beleza eterna” sem sentido;





Mas no poema que vibra e se exalta
Na onnipotência do Homem
Ali presente
E em mil coitos fecundos gravada.
Fui ver e vi extasiado
Do Alto de Galafura
Neste primeiro dia de Primavera renovada
O Homem efémero na sua incomensurável grandeza
Estuante de Vida
Ardente de Amor.